

Journal do Brasil Rio 8/03/89

# PLATÃO e a conversa das gerações

Alberto Guerreiro Ramos

**U**MA das características fundamentais do bovarismo e do provincianismo temporal em que incidem muitos dos que hoje se consideram estudiosos da ciência natural e social é a incompreensão do presente como história, ou, mais particularmente, a pretensão de que o presente se explica a si mesmo como uma configuração cindida do legado da história decorrida. Escapa-lhes a percepção de que nenhuma ciência pode ser compreendida sem o entendimento de sua história. Aprisionados na falácia modernista, esses estudiosos vêem a humanidade percorrendo uma trajetória cujas épocas polares são a das trevas e a das luzes. Em Augusto Comte, a época das luzes, que começa com ele, é chamada idade positiva. As leis dos três estados, que Comte formulou e que, de resto, em diferentes graus, constituem a essência da ciência social moderna, são uma das ilustrações da origem egofânica de tal ciência. Com esse pedigree, não é de admirar que ainda hoje muita gente que não é boa da cabeça campele de cientista social. Karl Marx, em cuja mente o egofanismo atingiu o paroxismo, acreditava que, antes de sua doutrina, a humanidade viveu nas trevas e só teve pré-história. Para Marx, a história da humanidade só começaria propriamente com a consumação da sua doutrina. Não é de estranhar que, entre os marxistas, seja pecado contra o Espírito Santo discordar do mestre. (Por volta de 1963, um companheiro de Partido rompeu relações comigo porque, em artigo publicado em Última Hora, sustentei a tese de que Lênine era um perito em oportunismo.) Na medida em que comtismo e marxismo continuam a ser ingredientes constitutivos da ciência social moderna, esta não passa de uma teofania obscurantista. De acordo com essa teofania, os países que mais se aproximam do que seria uma concretização daquelas doutrinas, respectivamente os Estados Unidos e a União Soviética, são verdadeiras Terras Santas.

Recusando aceitar a validade da ciência social moderna, que converte os seus adeptos em verdadeiros maníacos, em artigo anterior, publicado neste jornal (vide caderno Especial de 18 de janeiro de 1981), referi-me a uma trilha multissecular ao longo da qual têm caminhado várias gerações de indivíduos, graças a cujas obras a herança docente do gênero humano se preserva e cresce. Sugerir que a ciência, natural e social, é parte integrante daquela herança, e tema da conversa permanente entre gerações, a qual jamais se interrompe e, assim, hoje continua aberta ao ingresso de quem quer que seja habilitado, por treino e instrução, a nela participar. É a consciência desta trilha, implícita nas obras de pensadores seminais de vários períodos, que torna o indivíduo imune ao bovarismo modernista. A guisa de ilustração do que entendo por trilha, no presente contex-

to, proponho-me a, sucintamente, assinalar a influência do pensamento de Platão na formação da ciência natural.

Para o bovarista de nossos dias, é perda de tempo ler Platão, pois alega que nada de significativo se pode aprender em sua obra. Como cientista natural ou físico, Platão articula o seu pensamento principalmente no diálogo *Timeo*. Pierre Rousseau, que considera Platão como o iniciador da "pseudociência na Grécia", tem o suporte de outros cronistas da ciência, entre os quais W.C. Dampier-Whetham, James Jeans e Aldo Mieli. Mais especificamente escreve Charles Singer que "o *Timeo* demonstra como o conhecimento pode ser degradado mesmo por Platão (vide P. Friedlander, *Plato*, vol. I, 1969, p. 246).

O estudo de Friedlander, *Plato as Physicist*, capítulo 14 daquela obra, esclarece que a dificuldade de muitos em apreciar a contribuição de Platão no domínio da física é menos resultante de falta de capacidade intelectual do que de insuficiente iniciação na arte de interpretar textos. Há no *Timeo*, como em geral nos diálogos platônicos, muitos detalhes que refletem a peculiaridade do período e da sociedade em que o filósofo viveu, os quais parecem bizarros, do ponto-de-vista das peculiaridades da presente época. Mas julgar os diálogos platônicos, sem suspender essas peculiaridades, é sucumbir ao provincianismo temporal. A leitura dos escritores antigos requer um aprendizado. Assim como, por si só, ser fluente em inglês não habilita ninguém a compreender cabalmente Shakespeare, ou mesmo T. S. Eliot, ser capaz de ler os diálogos do filósofo, no original ou traduzidos, por si só, não habilita ninguém a participar no discurso platônico. Ademais, como assinala Friedlander, há nos textos platônicos muito de ironia velada e até de zombaria das crenças e costumes dos contemporâneos do filósofo, que, sem se dar conta, o leitor despreparado e destreinado apreende incorretamente. Esta circunstância é agravada pelo fato de que os intelectuais modernos de nossos dias ainda são influenciados pelo clima de opinião inerente ao século XVIII, segundo o qual os mitos são parte da história da ignorância, e não do conhecimento. E como Platão é amigo dos mitos, e não utiliza na articulação dos seus insights, deve, por isso, ser arrolado como reliquia do passado, e não como fonte permanente do saber.

Ao contrário do que o bovarismo moderno supõe, Platão considerou o mito uma forma de conhecimento compacto, e o *Timeo*, quando estudado sem preconceito, apesar de sua dimensão mítica, revela-se como um texto prenunciador das categorias básicas de toda ciência teoricamente consistente. Esta convicção levou o grande físico-matemático Alfred North Whitehead a dizer em *Processo e Realidade* que "a tradição filosófica européia consiste numa série de rodapés à obra de Platão".

A validade desta afirmação se impõe a todos os que hoje são imunes à falácia modernista, a qual encoraja sentada por autores como R. H. S. Crossman, representado por Popper, segundo os quais, o filósofo grego é um precursor do fascismo e do totalitarismo.

Pode-se defender a propriedade do argumento de Whitehead em relação a vários domínios do conhecimento. Todavia, ultrapassando a área própria de minha especialização, restrinjo-me nos parágrafos seguintes a importância contemporânea de Platão no tocante à física teórica.

Em primeiro lugar, é pertinente lembrar que Platão articula o seu pensamento em linguagem artística. Isso não é nada de estranhar, pois ele confere à beleza o caráter da categoria cardinal do entendimento da reali-



dade. O que é correto e bom é necessariamente belo. O universo é obra de arte, e suas leis podem ser expressas acuradamente na medida em que versadas em linguagem, por assim dizer, estética. Albert Einstein ecoa Platão, ao sugerir que, na origem dos avanços teóricos da física, encontra-se freqüentemente uma intuição artística. A influência de Platão é, porém, mais diretamente perceptível na obra de Whitehead, em que física e estética se congemina. A consciência da importância desta congeminação pode ser menos explícita em outros grandes físicos, embora eles sejam por ela afetados, como demonstram os analistas da física atual, entre os quais, por exemplo, Milic Capek (*The Philosophical Impact of Contemporary Physics*, 1961) e Ivor Leclerc (*The Nature of Physical Existence*, 1972).

Em *Adventures of Ideas* (1933), Whitehead, na trilha de Platão, dedica dois capítulos à beleza e a contempla como inseparável da verdade. Por isso as conceitua com proposições que se equivalem. A beleza, diz Whitehead, "é a conformação interna e recíproca dos vários itens da experiência, requerida para a produção do máximo de efetividade". Mas o seu conceito de verdade, como "conformação da Aparência à Realidade", só difere da primeira proposição porque tem um acento mais decisivamente platônico.

Minha segunda observação diz respeito precisamente ao tópico da aparência versus realidade. Desde Galileo até recentemente, a física tem sido um episódio da história do destrilhamento da inteligência no mundo ocidental. Por isso mesmo, confundiu aparência com realidade. Esta confusão se legitimou na identificação da matéria com o próprio existente físico (Leclerc, p. 177), predicada pelos físicos de tal período. Matéria, para Galileo e os que posteriormente assimilaram a sua doutrina como se fosse a própria física, é um existente independente. Platão antecipa a física contemporânea ao insistir no caráter ilusório das concepções da matéria como substância, em geral vigente no seu tempo e reincidentes em Galileo. Na verdade, nunca usou o termo

átomo. No *Timeo*, matéria é potencialidade, o *Receptáculo* das formas, no qual se verifica permanente "terremoto" de elementos que se desagregam ou se reúnem. Esta concepção é consistente com a física teórica de nossos dias, para a qual, como diz Arthur Eddington (*The Nature of the Physical World*, 1958), em linguagem evocativa de Platão, "o mundo físico externo é antes um mundo de sombras"; (o grifo é meu). São famosas as reflexões de Eddington sobre a ilusória aparência de solidez e tangibilidade do mundo, que a percepção ingénua erige em única realidade. Despreparados por longa experiência — diz ele — estendemos a mão para nos apoderarmos da sombra em vez de aceitá-la como sombra (*its shadowy nature*) (p. XVII).

Minha terceira e final observação é uma qualificação do que disse até agora. Em *Physics and Philosophy*, 1962, Werner Heisenberg esclarece que a Física de nossos dias "toma posição definida contra o materialismo de Demócrito (e de outros atomistas de seu tempo — acréscimo meu) e em favor de Platão" (p. 71). Em última análise, diz ele — "partículas elementares", no *Timeo*, significam "formas matemáticas", não "substâncias" (p. 71). A interpretação é correta e dá a medida da familiaridade de Heisenberg com o discurso platônico. No entanto, o comentário de Heisenberg tem conotações sistemáticas e gerais que ele não explora. Mais perceptivo de tais conotações é Abel Rey, para o qual a física de Platão realiza "la grande mathématisation du concret et du sensible" (vide Friedlander, op. cit., p. 241). Em outras palavras, não só no *Timeo*, como em toda a sua obra, Platão postula que, à parte das formas, o mundo é ininteligível. Com efeito, o número é uma forma, como também, por exemplo, a justiça. O que no mundo concreto e sensível é numerável e justo só pode ser compreendido como manifestação de uma Idéia, ou forma. Por si mesmo, todo episódio é sombra. É a forma ou idéia nele manifesta que lhe confere inteligibilidade. Por isso, Whitehead definiu verdade como "conformação da Aparência à Realidade" e derivou do texto platônico o seu conceito de "objetos eternos", categoria fundamental de seu pensamento físico-matemático, como também de sua teoria geral da sociedade, da civilização e do universo.

Esta análise sucinta não objetiva sugerir que a realidade é definitivamente interpretada no texto platônico. Platão é, antes de tudo, um mestre da conversa teórica. Não foi por acaso que escreveu diálogos que, por sinal, sempre terminam inconclusos, isto é, deixando subentendido que teoria não consiste em mero exercício definicional, pois nenhuma definição ou sistema conjura a permanente dimensão aporética dos grandes temas da existência humana. Platão não elaborou um sistema ou um "paradigma" como os compêndios de filosofia e de história das idéias levam a crer. Ele foi um sistematizador e destilador de insights articulados por ele mesmo e/ou por seus antepassados e contemporâneos, muitos dos quais preservados em mitos e lendas imemoriáveis. No entanto, sua contribuição é uma baliza que aponta a trilha real de que não se têm desviado os verdadeiros amigos de todo saber resistente à caducidade através dos tempos. Com Platão e outros pensadores que palmilham a mesma trilha, conversam eminentes representantes contemporâneos da ciência natural, físicos, biólogos, matemáticos, e, por isso, eles são freqüentemente mais capazes de oferecer ensinamentos relevantes para a ordenação da vida humana associada do que os retardatários devotos da ciência social moderna em nossos dias.

Alberto Guerreiro Ramos é professor da Universidade do Sul da Califórnia e professor-visitante da Universidade Federal de Santa Catarina.

Arquivo 20/7/89  
 edel  
 W. Whitehead